vem ser capazes de analisar os domínios de conhecimentos atuais dos alunos, as diferentes necessidades de demandas no processo de aprendizagem, elaborarem atividades, prever formas de avaliar os alunos para que as informações sirvam para aprimorar o atendimento daquelas com maiores dificuldades.

Diante destes fatos, é possível perceber que os maiores desafios enfrentados para que de fato aconteça a inclusão do aluno com deficiência são a estrutura escolar e a capacitação profissional do professor. Desta forma, é necessário que os professores se coloquem a par das tendências de atendimento para este público, para que assim seja possível desempenhar um bom trabalho quando deparar-se com um aluno portador de necessidades educacionais especiais em sua sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto de educação especial é bastante amplo, e deve ser observado a partir de vários aspectos. Com este trabalho foi possível perceber ao longo da história o quanto a pessoa portadora de deficiência sofreu com o preconceito, e o quão difícil foi a sua colocação e inclusão na sociedade. Como professora, percebi o poder da educação na inserção da pessoa com deficiência nos diversos âmbitos sociais, e devemos enquanto professores trabalhar cada vez mais para que estes indivíduos alcancem seu desenvolvimento pleno, sendo assim capazes de exercer sua cidadania e de adentrar ao mercado de trabalho, de acordo com suas capacidades. Além disso, também cabe aos professores estabelecer em sala de aula o respeito a diversidade, viabilizando assim uma sociedade futura mais livre de tabus e preconceitos contra o "diferente".

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF:

Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

FERNANDES, L.B; SCHLESENER.A; MOSQUERA,C. Breve histórico da deficiência e seus paradigmas. 2011. Disponível em: < http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/Arquivos2011/NEPIM/NEPIM_Volume_02/Art08_NEPIM_Vol02_BreveHistoricoDeficiencia.pdf> Acesso em: 18 set. 2017

MARIA, Cirlene. Os desafios da escola inclusiva e a escola hoje. 2015. Disponível em: < https://www.fara.edu.br/sipe/index.php/anuario/article/download/274/247> Acesso em: 18 set. 2017

SILVA, Larissa Maciel Gonçalves. Educação especial e inclusão escolar sob a perspectiva legal. Disponível em: <http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br /pdf/BP05.pdf> Acesso em: 18 set. 2017.

LITERATURA EXPANSIVA NA EDUCAÇÃO

GLEICIANE BEZERRA BARRETO

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a imaginação e a fantasia são bases para um pensamento criador, sendo a contação de histórias uma das mais antigas artes ligadas à essência humana, este estudo tem o objetivo de abordar a arte de contar histórias, verificando assim, a contribuição da literatura infantil no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. a escola então visa conhecer e desenvolver na criança as competências da leitura e da escrita e como a literatura infantil pode contribuir na formação de leitores. demonstramos o quanto a literatura infantil está presente na sala de aula e como pode ser uma grande aliada no processo de aquisição da leitura. esta pesquisa busca o enfoque da importância literária, sendo fundamental para aquisição de conhecimentos, recreação, informação e interação necessárias ao ato de ler. é desta forma que percebemos a necessidade da aplicação coerente de atividades que despertem o prazer de ler, e estas devem estar presentes diariamente na vida das crianças, desde bebês.

Palavras-chave: Leitura; Aprender; Biblioteca; Ler.

INTRODUÇÃO

Ouvir e ler histórias é entrar em um mundo encantador, cheio ou não de mistérios e surpresas, mas sempre muito interessante, curioso, que diverte e ensina. É na relação lúdica e prazerosa da criança com a obra literária que temos uma das possibilidades de formarmos o leitor.

É na exploração da fantasia e da imaginação que instiga a criatividade e se fortalece a interação entre texto e leitor. Contar histórias é arte performática, na qual se busca compartilhar vivências por meio da voz, do corpo e dos gestos.

Na interação da criança com a obra literária está a riqueza dos aspectos formativos nela apresentados de maneira fantástica, lúdica e simbólica. A intensificação dessa intera-

ção, por meio de procedimentos pedagógicos adequados, leva a criança a uma maior compreensão do texto e a uma compreensão mais abrangente do contexto. Uma obra literária é aquela que mostra a realidade de forma nova e criativa, deixando espaços para que o leitor descubra o que está nas entrelinhas do texto.

Ao longo da história percebemos que nem sempre houve uma preocupação com a infância como hoje, mesmo sabendo que a criança percebe o mundo diferente dos adultos, que precisa ter uma linguagem própria e uma literatura voltada para ela também.

A literatura é uma ferramenta importante para a aquisição de conhecimentos variados e introdução a alfabetização que se dá pelo estímulo ao comportamento leitor e pelo letramento, fortemente, característicos desta.

O trabalho apresenta como objetivo enriquecer o conhecimento do educador sobre a importância da literatura na Educação Infantil como fator fundamental no processo de ensino aprendizado para uma posterior alfabetização, levando-os a utilizar esta ferramenta para ampliar o comportamento leitor dos educandos baseado em uma análise crítico-reflexiva.

Osistema educacional brasileiro contemporâneo, reconhecidamente, tem por uma de suas principais carência generalizante incapacidade de desenvolver em seus educandos a reflexão crítica referente tanto do conteúdo, conhecimento e processos de ensino-aprendizagem próprios da escola, quanto concernente tal criticidade na apreensão, atuação e transformação da realidade. Essa lacuna extremamente importante a ser preenchida decorre de diferentes fatores, podendo ser considerado uma consequência estrutural, não sendo possível aqui esmiuçar todas as dimensões de forma aprofundada. Entretanto, cabe fazer um recorte acerca de uma dessas dimensões, que é a concepção e aplicação equivocada de se trabalhar a literatura em sala de aula.

A convivência com a música, a pintura, a fotografia, o cinema com outras formas de utilização do som e com a imagem, assim como com a convivência com as linguagens artificiais poderiam nos apontar para uma inserção no universo simbólico que não é a que temos estabelecida na escola, essas linguagens todas não são alternativas. Elas se articulam. E é essa articulação que deveria ser explorada no ensino da leitura quando temos por objetivo trabalhar a capacidade de compreensão do aluno (ORLANDI, 1999, p. 40).

Segundo Orlandi (1999), avalia-se aqui ser extremamente necessária a discussão em torno da reformulação da concepção de se trabalhar a literatura na escola, tendo em vista que hodiernamente, ações e atividades com literatura em sala de aula se resumem estritamente na identificação de características estéticas das escolas históricas e no exercício engessado de identificação de normas gramaticais. Portanto, a proposta da presente pesquisa é a reflexão acerca da reformulação das práticas docentes didático-pedagógicas e, por conseguinte, dos processos de ensino-aprendizagem atrelados ao trabalho com literatura, mais especificamente, reflexão que tenha por diretrizes, marcadamente, a contextualização e diálogo com o momento histórico contemporâneo, as possibilidades simbólicas de manifestação nos sujeitos no curso de seu desenvolvimento pessoal e na mobilização de recursos intelectuais, emocionais, afetivos e psíquicos do sujeito.

LITERATURA EM SALA DE AULA: FORJA DA CIDADANIA

De acordo com trabalhos de Hall (2011), a sociedade contemporânea tem por uma de suas principais características uma acentuação exacerbada do desejo por dinamicidade em seus processos de interação. Em decorrência disto, a coesão social vai se afrouxando e tornando as relações sociais mais imediatas cada vez mais fluidas, no sentido de laços sociais menos duradouros, ou melhor, laços sociais que não atribui importância a vínculos que sejam dotados de essência, de significado. Somos uma sociedade do imediato, do espetáculo, que privilegia a aparência em detrimento da essência. A escola, por ser uma Instituição social, sofre os efeitos diretos desse contexto, sendo uma de suas expressões mais marcantes a perversão do processo de alfabetização e letramento das educandas e dos educandos, que por sua vez, torna o processo de ensino- -aprendizagem mecanizado e carente de significado (HALL, 2011).

O que se está afirmando aqui é que o método tradicionalista de ensino apregoa uma Educação em função dos interesses de uma sociedade consumista, da produção e circulação de mercadorias e do acúmulo e concentração de riquezas. Isso significa que, desta perspectiva, todo processo de ensino--aprendizagem, desenvolve-se concorrendo de antemão para satisfazer os interesses de uma ideologia hegemônica, própria da classe dominante, no intuito de formar uma massa de mão-de-obra precarizada que atenda a demanda da produção de mercadorias. Nesta esteira, a alfabetização e o letramento efetiva-se em um processo que seja o quanto mais breve, melhor; desconsiderando toda a subjetividade, personalidade e carga cultural do sujeito. Quando o tema a ser pensado é literatura, as ideias mais imediatas relacionadas à escola e ao ensino e ao exercício da cidadania remetem ao desenvolvimento da escrita e da leitura. Realmente a literatura tem grande potencial no desenvolvimento dessas aprendizagens, sendo de suma importância na medida em que, concernente escrita e leitura adequadas, oportunizam a comunicação (HALL, 2011).

Contudo, suas potencialidades estão muito além dessas fronteiras, ultrapassando os interesses próprios de uma sociedade escolarizada e alcançando desenvolvimento subjetivo intelectual, emocional, psicológico e afetivo, assim como dimensões complexas da organização social como História, Filosofia, Política, Cultura e afins e, por conseguinte, a própria inserção no contexto social, auto identidade e reconhecimento do outro enquanto sujeito, interpretação da realidade e, em última instância, desenvolvimento da reflexão crítica. "identidade formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam" (HALL, 2011, p. 13).

O processo de alfabetização e letramento não pode ser concebido como sendo algo linear e reducionista, deslocado do tempo e espaço, assim como das circunstâncias, que ora privilegia o cognitivo, ora o afetivo. O processo de desenvolvimento infantil, etapa do desenvolvimento mais comumente que acontece a alfabetização, letramento e processo de aquisição da leitura, abarca todas as dimensões de sua constituição, como cognitivo, afetivo, emocional e psicológico. Deste reconhecimento, significa o respeito pela pluralidade e a singularidade do sujeito, erigindo uma educação fundamentada nos preceitos de valorização da diversidade e positividade das diferenças. Neste sentido que o DCNEI em seu artigo 9ª, define que as práticas pedagógicas de letramento na Educação Infantil devem privilegiar as vivências da criança, a curiosidade, a descoberta, criatividade e a interação (COELHO, 1991, p. 25).

O letramento nessa fase do ensino-aprendizagem significa a capacidade de fazer a leitura do mundo, e não necessariamente a identificação dos algarismos como letras e números. Portanto, o letramento significa a capacidade de socialização e sociabilidade; do desenvolvimento do sentimento de cooperação e fraternidade, essenciais da coesão social. Em seu estágio mais avançado, letramento significa a capacidade de interação na realidade conforme as circunstâncias. O que se deve atentar aqui é que não se afirma que a Literatura incondicionalmente proporcione todo esse crescimento, mas que ela contém em si potencialidades nessa direção:

Na verdade, desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, onde se decidem as vontades ou as ações; e sobre o espírito, onde se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem... No encontro com a literatura (ou com a arte em geral) os homens têm oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma atividade (COELHO, 1991, p. 25).

Pensando então a literatura enquanto possível mediadora desses diferentes desenvolvimentos, uma grande responsabilidade é possibilitar a compreensão de textos escritos e de alguma forma, relacioná-los com a realidade vivida e apreendida. E nesse sentido, apresenta-se enquanto artefato mediador da prática crítico-reflexiva. Destarte, o mais importante neste processo de aquisição das ferramentas de interpretação da realidade presente, no caso a alfabetização e letramento, é o reconhecimento dessa criança enquanto sujeito ativo e participativo, produtora de cultura, que atua na realidade, transformando-a e sendo transformada por ela. Isso significa que ela é ser plural e singular ao mesmo tempo, e essas características devem ser respeitadas. Ao fim e ao cabo, significa dizer que o educando e a educanda são a centralidade do processo de ensino aprendizagem, portanto, as ações da Educação e seus respectivos processos necessariamente precisam ser significativos aos educandos (COELHO, 1991).

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A história é uma narrativa que se baseia num tipo de discurso calcada no imaginário de uma cultura, os contos, as fábulas, as lendas são organizadas de acordo com o repertório de mitos que a sociedade produz. Quando essas narrativas são lidas ou contadas por um adulto para uma criança, abre-se a oportunidade para que estes mitos, tão importantes para a construção de sua identidade social e cultural possam ser apresentados a ela (CUNHA, 1999).

Ler ou contar histórias, duas coisas diferentes, porém, igualmente importantes. Um texto escrito segue as normas da língua escrita, que são completamente diferentes daquelas da língua falada. Quando a criança ouve a leitura de uma história assimila as sintáticas da língua, além de aumentar seu vocabulário. Porém, aquele que lê a história deve dominar a arte de contá-la, estar preparado suficientemente para fazê-lo com apoio no texto, sabendo utilizar o livro como acessório integrado a técnica da voz e do gesto (CUNHA, 1999).

Há opiniões divergentes neste campo, alguns autores consideram que o contador sem o livro tem mais liberdade de acentuar emoções, modificar o enredo de acordo com as reações das crianças e, portanto, ter melhor comunicação com o público infantil. Teria ainda mais disponibilidade de trabalhar sua voz e seu gesto. Penso que é preciso aprender a dominar seja qual for a técnica para que fundamentalmente se consiga despertar o desejo e o prazer da criança/ouvinte. Por meio das histórias podemos enriquecer as experiências infantis, desenvolvendo as diversas formas de linguagem, ampliando vocabulário, formando o caráter, desenvolvendo a confiança da força do bem, propiciando a ela viver o imaginário.

Além disso, as histórias estimulam o desenvolvimento de funções cognitivas im-

portantes para o pensamento hipotético, o raciocínio lógico, o pensamento convergente e divergente, as relações temporais e espaciais (toda história tem princípio, meio e fim), (COELHO, 1999).

Considerando-se a escola como responsável direta pelo desenvolvimento da capacidade leitora, cabe a reflexão e o redirecionamento de sua postura diante da prática pedagógica. Dependendo de como for conduzida, poderá transformar as crianças em leitores ou distanciá-las dos livros e, na maioria das vezes, para sempre.

Sabiamente, Manguel (2000), reforça a tarefa da escola em proporcionar às crianças, o espaço ao ato de ler, permitindolhes, "confortável, solitário e vagarosamente sensual" (Manguel,2000, p.11), o convívio fascinante com a leitura. É premente a necessidade da existência de estudos sobre as práticas de leitura em sala de aula, que envolvam atividades propostas pela escola e que, efetivamente, contribuam para a formação de um sujeito leitor, capaz de posicioná-lo criticamente frente às informações que lhe estão disponíveis, cabendo à escola organizar, criar e adequar propostas e estratégias eficazes, favoráveis à formação de leitores competentes.

Segundo Orlandi (1995), a leitura em seu objeto, o texto, fonte de sapiência da realidade, além de conectar sala de aula e sociedade, é revelação ideológica retificando, o ambiente escolar, caminho condutor para inovação das linguagens. Igualmente, Pulcinelli (1995), compreende que a leitura reverbera no comportamento do mediador, base indispensável onde se inicia a trajetória do indivíduo em seu cenário de leitor: a sala de aula.

Podemos entender que a função da escola reside no desenvolvimento na criança da capacidade de aprender a aprender, estruturando suas práticas pedagógicas com vistas à formação moral e social do indivíduo, incluindo a estruturação continuada de troca de informações, através de uma biblioteca com acervo potente, capaz de suprir as demandas da leitura, bem como por outros ambientes de apreciação da escrita com circulação e aproveitamento do conteúdo de livros, recorrendo inclusive, a profissionais qualificados. Caso a escola não atenda a esse propósito, caberão a esta, a criação e ampliação de seu espaço físico e dos subsídios que auxiliam tais práticas, recorrendo aos recursos que lhe são por direito designados. Para uma grande parte da população, na maioria das vezes, a única proximidade com o livro, faz-se no encontro com colegas, professores e na escola.

Aqui, reside o maior desafio, que consiste em perceber, pensar, orientar e executar a mesma, parte substancial do processo de aprendizagem, com ampla expressividade, agregando diferenciais ao que será projetado e sua execução, possibilitando intimidade com coerência diante do hábito de ler, fortalecendo vínculos do leitor com tal prática. Segundo Soares (1999):

faz-se necessária adequada escolarização, substancial conhecimento, aquisição de saberes, responsabilidade, integridade e respeito, acima de tudo com os estudantes e a representatividade que ela, instituição mediadora dos alicerces do conhecimento, desempenha no atual cenário cultural, político e social da esfera a qual pertence (SOARES,1999).

É importante ainda, no que tange ao processo de escolarização, submeter-se ao modo de como e para que aprendemos, ser inevitável, haja vista tratar-se da fundamentação escolar para a qual foi instituída e constituída, não havendo maneiras de evitar que o saber escolar floresça, contribuindo, substancialmente, para a formação do caráter.

Desprezá-lo seria ofuscar e muito, a real finalidade e o propósito da escola, a qual detém a incumbência de formar, disseminar e aguçar o intelecto do indivíduo. Nesse sentido, Lajolo (1996) sugere práticas de leitura na escola e na sociedade, abrangentes, eficazes e conscientes, bem como o reconhecimento daquelas que exibiram as metas estipuladas, revisando fundamentos teóricos e metodológicos do texto, ao longo de sua tradição, de acordo com as práticas sociais e pedagógicas até então executadas.

A esse respeito Zilberman (1995), afirma que a leitura se concretiza ao criarmos conceitos de produção para entendimento das narrativas, e somente na interação dos interlocutores com a discursividade, serão definidas as condições e fatores adequados que efetivaram o processo de leitura. Constituir a leitura, a partir de experiências, é reconhecer as diferenças sem discriminá-las, facultando ao leitor, à medida que praticá-la, constituirse, representar-se e identificar-se sujeito ativo e participativo de determinado grupo social. O desenvolvimento da competência leitora também deve ser direcionado para uma série de reflexões, voltadas para os materiais selecionados e os procedimentos pedagógicos adotados. O profissional da área da educação necessita ter consciência do processo de leitura para descobrir e potencializar suas representações sobre o mundo da leitura. É necessário gostar de ler, é necessário ler muito, é necessário envolvimento com o que se lê.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção inconsciente da criança, contribui para a construção de seus valores, auxiliando por meio do ato de ouvir, sua formação na sociedade, contribuindo para a escolha de seus caminhos, sejam eles certos ou errados, por meio das narrações que encontram lições de vida escondidas à cada final feliz.

As histórias devem acontecer dentro de um contexto simples e adequado ao en-